



ENSINO DE GEOGRAFIA ATRAVÉS DO ESTUDO INTEGRADO DA PAISAGEM: AULA PRÁTICA DE CAMPO NO AGRESTE SERGIPANO

Tiago de Jesus Santos
Mestrando da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil
tiagosntsgeo@gmail.com

Maria Daniele Oliveira dos Santos
Graduanda em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil
danioli1890@gmail.com

Cristiano Aprigio dos Santos
Docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil
aprigeo@academico.ufs.br

RESUMO – Para entender como se deu a origem das paisagens que são observadas na atualidade é preciso recorrer aos acontecimentos passados estabelecendo assim uma reconstrução paleoambiental. Os aspectos paisagísticos de Sergipe compõem quadros complexos e diversos. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo analisar o agreste sergipano tendo a paisagem do Domo de Itabaiana seu recorte espacial para estudo de caso a partir da perspectiva integrada, em que diferentes aspectos estão envolvidos nas transformações da paisagem, além de propor uma abordagem de ensino em que a teoria e a prática estejam conectadas procurando compreender as singularidades dessa área de transição. Para realizar uma análise da paisagem, foi feita pesquisa de campo e aprofundamento teórico de autores que discorrem sobre este tema. Com a finalidade de assegurar o (re)conhecimento e a articulação teórico-prática no ensino de Geografia.

Palavras-chave: Estudo da Paisagem, Agreste Sergipano, Domo de Itabaiana, Aula de Campo, Ensino de Geografia..

TEACHING GEOGRAPHY THROUGH THE INTEGRATED STUDY OF LANDSCAPE: A PRACTICAL FIELD CLASS IN AGRESTE SERGIPANO

ABSTRACT – To understand the origin of the landscapes observed today, it is necessary to resort to past events, thus establishing a paleoenvironmental reconstruction. The landscape aspects of Sergipe compose complex and diverse scenarios. Therefore, this present study aims to analyze the agreste sergipano, having the landscape of the Itabaiana Dome as its spatial scope for a case study from an integrated perspective, where different aspects are involved in landscape transformations, as well as proposing a teaching approach that connects theory and practice and comprehends the singularities of this transition area. To carry out a landscape analysis, field research and theoretical deepening of authors who discuss this topic were conducted. With the purpose of ensuring (re)knowledge and the theoretical-practical articulation in Geography teaching.

Keywords: Landscape Study, Agreste Sergipano, Domo de Itabaiana, Field Class, Geography Teaching.

INTRODUÇÃO

Buscando entender de forma integrada como se deu a origem das Paisagens que são observadas na atualidade é preciso recorrer aos acontecimentos passados, que se colocam como palimpsestos montando um cenário de múltiplos tempos, assim, nos reportando aos eventos ocorridos e registros deixados e ainda possíveis de serem observados em suas evidências totais ou parciais. Desse modo considera-se neste, as transformações tanto naturais, quanto as provocadas pela ação antrópica. Neste espaço utiliza-se no presente estudo o recorte da categoria de Paisagem, estudada a partir de observações do presente e pretérito, ou seja, para compreendê-la, em sua conjuntura atual, é necessário recorrer aos processos de sua formação.

O ensino de Geografia necessita do exercício prático de observação do espaço. O estudo de campo se faz necessário para o aluno enxergar os processos e problemas resultantes da origem da paisagem e as transformações nela ocorridas. Logo, os processos de ensino e aprendizagem em Geografia podem ser corroborados pelo exercício prático de observação do espaço, a aula de campo se faz importante na medida em que os participantes podem enxergar os processos e problemas resultantes da origem da Paisagem e as modificações nela ocorridas.

A teoria é pré-requisito para esses processos e quando aliada a uma prática integrada pode contribuir de forma significativa para uma melhor e maior compreensão dos aspectos desejados, para além de conceitos e categorias visando o entendimento do conteúdo abordado. Assim a importância das aulas práticas no ensino de Geografia pode assumir esse destaque, pois para o estudo do Espaço Geográfico é relevante que os discentes visualizem o que está posto nele e a partir daí façam as respectivas correlações e análises.

Todavia, o conhecimento teórico por si só não leva o aluno a apreender, porque a teoria é decorrente da prática. É aí que se nota a importância das aulas práticas no ensino de Geografia, sendo por destaque uma ciência de variadas possibilidades em trabalho de campo para a percepção e correlação dos conteúdos, sendo o mundo o seu campo enquanto ciência estuda o espaço, tendo em vista a compreensão, para além do processo geológico de determinadas paisagem, da relação recente entre a sociedade e natureza.

A não integração é outro aspecto que se deve levar em conta, pois os elementos naturais e antrópicos fazem parte de um todo indissociável. Todo este que é comumente presenciado em trabalhos de campo, uma vez que se pensa a ação do ser humano na transformação da Paisagem, e não pode deixar de ser trabalhada dentro de seu contexto. Sendo assim, essa dicotomização não deve existir, caso contrário haverá perdas na compreensão do estudo do espaço, aqui em apreço enfático a Paisagem Geomorfológica.

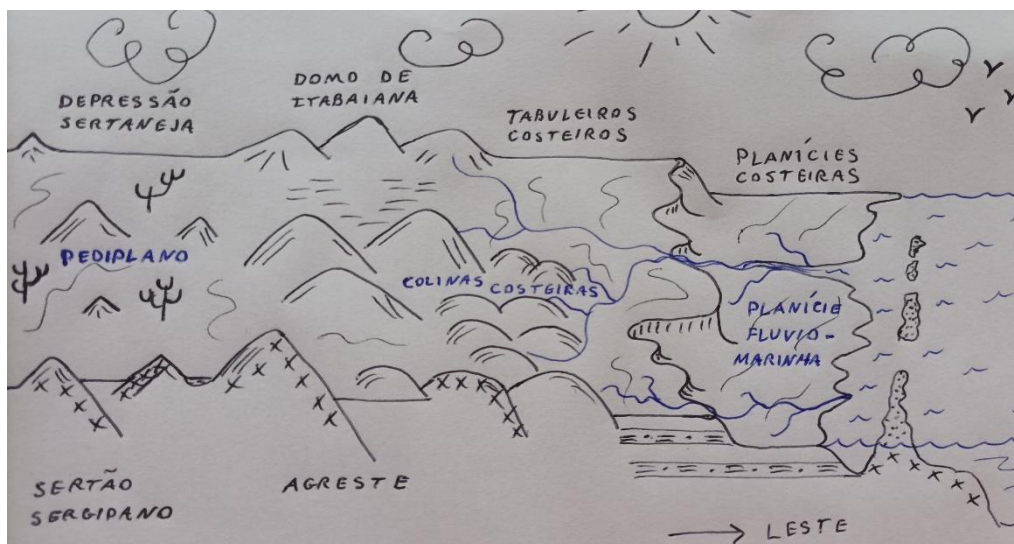
Nesse sentido, a área de pesquisa deste trabalho diz respeito à influência imediata do Domo de Itabaiana, o qual fica localizado em meio ao Agreste Central Sergipano. Esta feição, está situada numa faixa transicional entre o Pediplano Sertanejo e a Planície Costeira. A morfoestrutura da Paisagem Geomorfológica, em apreço, é herdada de um antigo Domo Batólito, sendo atualmente uma superfície de arrasamento que está circundada por um conjunto de Maciços Cristalinos Residuais, as serras, com destaque para a Serra Comprida do Parque Nacional da Serra de Itabaiana.

Assim, entendendo que os aspectos paisagísticos de Sergipe compõem quadros complexos e diversos. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo estudar o Agreste Sergipano a partir da perspectiva integrada, em que os aspectos sociais estão envolvidos nas transformações da paisagem, além de propor uma abordagem de ensino em que a teoria e a prática estejam conectadas e compreender as singularidades dessa área de transição, entre o Sertão Sergipano e a Planície Costeira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estado de Sergipe está situado no Nordeste do Brasil, sendo a menor unidade federativa, com 21. 918, 454 km². Segundo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) este estado subdivide-se em 3 macrorregiões, a saber: Sertão, Agreste e Leste, cada uma apresentando especificidades geológicas, geomorfológicas e biogeográficas (IBGE, 2021). Nesse sentido, essa unidade federativa é classificada em três tipos de compartimentação geológica-geomorfológicas, tais como: Domo de Itabaiana, Planície Costeira e Pediplano Sertanejo (Ilustração 1).

Ilustração 1 – Compartimentação Geológica-Geomorfológica de Sergipe.



Fonte: Os autores (2023).

No Agreste Central Sergipano, situa-se o Domo de Itabaiana, uma morfoestrutura que foi herdada de um antigo Domo Batólito e cuja área abrange 46 km de extensão (SANTOS et al, 2015). Seu entorno é marcado por Maciços Cristalinos Residuais, ou seja, as serras, a saber: Serra de Itabaiana, Serra da Miaba, Serra do Cajueiro, Serra Comprida, Serra do Machado, Serra do Capunga e Serra Redonda.

Na borda Leste estão compondo o Parque Nacional da Serra de Itabaiana, encontram-se as Serras do Cajueiro (Figura 1), Comprida (Figura 2) e de Itabaiana (Figura 3). Tavares et al (2016, p.) corroboram com essas ideias ao exemplificarem que:

Uma característica marcante do agreste central é a presença de relevos cristalinos residuais, que representam a herança de um antigo Domo Batólito reconhecido regionalmente como o Domo de Itabaiana. O Domo de Itabaiana se apresenta como uma paisagem complexa semelhante a superfície de arrasamento da depressão sertaneja. Sua borda compõe um conjunto de maciços cristalinos residuais, correspondente as Serra da Miaba, Serra do Caju, Serra Comprida, Serra de Itabaiana (borda leste), Serra do Capunga e Serra do Machado. (TAVARES et al, 2016, p.).

Figuras 1 – Serra do Cajueiro.



Fonte: Os autores (2022).

Figura 2 – Baixa Encosta da Serra Comprida.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 3 – Serra de Itabaiana.



Fonte: Os autores (2023).

Na base da encosta da serra de Itabaiana, em direção à escarpa Leste, a bacia sedimentar trunca com as rochas de embasamento cristalino. As superfícies e as rochas encontradas nessa localidade são marcadas pelo basculamento tectônico, são marcantes diaclases, fraturas e falhas. A Serra de Itabaiana possui esse plano de inclinação no sentido Leste-Oeste, seu limite se apresenta na Paisagem como uma escarpa de falha proeminente, sendo também a drenagem local com o lago da barragem Jacarecica II orientados nesse sistema morfoestrutural. Os controles litológico e estrutural são marcantes nessa área e desafiam a compreensão de pesquisadores-estudantes veteranos e iniciantes.

Na Geografia, a gênese da paisagem é estudada a partir da evolução geológica-geomorfológica, sendo que para compreender as modificações ensejadas nas paisagens atuais, é necessário recorrer aos acontecimentos pretéritos, haja vista que segundo Charles Lyell “o presente é a chave do passado”. Como tudo é passível de modificações, as feições do relevo também o são, o que gera as diversidades paisagísticas observadas.

Na sala de aula, o ensino de Geografia muitas vezes ou quase sempre se dá de forma obscura, omitindo relações imprescindíveis para compreensão efetiva do conteúdo por parte do aluno. Isso ocorre devido aos métodos tradicionais de ensino, em que o aluno é orientado a memorizar os conteúdos sem fazer as devidas relações espaciais entre os elementos da paisagem.

A falta de correlação entre a teoria e a prática no ensino de geografia é uma problemática no ensino aprendido desta disciplina, pois o que torna significativo para os alunos é a realidade da vivência do objeto de estudo do geógrafo, o espaço, nas suas dinâmicas visíveis e/ou vivenciadas, sendo a prática realizada neste. Como o ensino se dá entre a relação desses dois campos, a ausência de um compromete o objetivo da disciplina.

Seja no ensino básico de educação ao superior, muitas vezes os docentes apresentam temas, nomes, conceitos e ilustrações concernentes ao ensino geográfico sem estabelecer contexto algum. Quando se fala de geologia, geomorfologia, hidrologia e aspectos biogeográficos, estas áreas se encontram permeadas de conceitos e nomenclaturas, os quais muitas vezes não são compreendidos pelos alunos, pois são trabalhados de forma não integrada, o que acaba comprometendo a visão do todo pelo discente.

Muitos professores instigam aos educandos a decorarem nomes de rios, rochas, relevos, vegetações, espécies de animais etc. Essa reprodução de nomes e conceitos, não levam ao aprendizado significativo, porque não há construção processual dos aspectos visualizados no espaço, fazendo com que o estudo se torne enfadonho e não emancipatório, tendo em vista que esses estudantes não enxergarão o que está posto em sua realidade cotidiana, muito menos a sua significância na compreensão de mundo, em suas diversas escalas.

Diante disso, não se deve deixar de abordar que, para a Geografia, a sociedade atua de forma ativa na esculturação/formação da paisagem. Essa explicação às vezes é negligenciada por profissionais da educação, que tratam de dissociar o objeto de estudo da geografia, como se os aspectos físicos estivessem à parte dos aspectos humanos.

Sabendo que o processo de ensino-aprendizado ocorre a partir da mediação entre aluno e professor, este não pode dar respostas prontas aos estudantes (FREIRE, 2021). Quando o docente for ministrar aulas dos aspectos geológico-geomorfológicos sergipanos, deve-se atentar para estas questões, caso contrário, o ensino será pautado na tradicionalidade.

Para o estudante compreender o Domo de Itabaiana, deve-se analisar a gênese dessa formação, bem como as correlações entre os diferentes geossistemas. Como o estudo do presente remete aos acontecimentos pretéritos, o Domo de Itabaiana é explicado a partir da herança de um antigo Domo Batólito, que sofreu intemperismo ao longo do tempo, chegando a sua feição atual de superfície de arrasamento.

O Gnaisse e Quartzito são as duas rochas metamórficas que predominem no Agreste Central Sergipano, toda a parte inferior da superfície geológica-geomorfológica é composta predominantemente por Gnaisse, enquanto a partir da meia encosta e o topo dos maciços cristalinos residuais, as serras, apresentam o predomínio do quartzito.

O ponto mais alto desta Paisagem Dômica chega a 659 m de altitude, sendo a cota altimétrica mais alta da Serra de Itabaiana. Nessa direção, os Maciços Cristalinos Residuais circundam essa forma de relevo, imprimindo aspectos característicos, tanto do ponto de vista geológico, quanto geomorfológico. A litologia presente no Domo, como já ressaltada para o Agreste Central onde se situa, é composta preponderantemente de complexos gnaíssicos (Figura 4) e quartzíticos (Figura 5). Como abordado por Carvalho e Martins:

As rochas do embasamento correlacionadas aos terrenos gnáissicos-migmatíticos que ocorrem sob a forma dos Domos de Itabaiana e Simão Dias, situam-se sobre o contexto geológico da faixa de dobramento sergipano, caracterizados por ortognaisses granodiorítico-graníticos, bandados, miloníticos e migmatitos envolvidos por uma tectônica brasileira. (CARVALHO e MARTINS, 2017, p. 21).

Figura 4 –Alterita do complexo gnaíssico



Fonte: Os autores (2023).

Figura 5 – Complexos quartzíticos



Fonte: Os autores (2023).

Na Serra Comprida, observa-se da média para alta encosta o produto da alteração do Quartzito, dando origem ao Neossolo Quartzarênico (Figura 6). O produto deste intemperismo, é amplamente reconhecido no município de Areia Branca, as areias são bem visualizadas na área, e são exploradas economicamente.

Figura 6 – White sands



Fonte: Os autores (2023).

O processo de voçorocamento (Figura 7) também é visível entre a baixa e média encosta da Serra Comprida. Isso se dá a partir da formação de pequenos sulcos no solo, que posteriormente evoluem para tubos, os quais são mais profundos (rever Figura 2), ravinas e daí para voçorocas. Com a retirada da vegetação, o solo ficou exposto aos agentes erosionais, contribuindo para instabilidade do local. Francisco et al (2007, p.2) corroboram com estas ideias ao exemplificarem que:

Para Ab'Saber (1968), o processo de formação das voçorocas está associado a paisagens de onde foi retirada a sua cobertura vegetal. Nestas paisagens, a água de escoamento superficial ao percolar linearmente no solo, e atingir o lençol freático, compromete a estabilidade da área e gera a formação de voçorocas. (FRANCISCO et al, 2007, p.2).

Figura 7 – Voçoroca.



Fonte: Os autores (2023).

Fica evidente o poder da ação antrópica, como agente modelador do relevo, na medida em que a formação natural de um centímetro de solo se dá em média em um período de 150 anos e as perdas contabilizadas a partir da convergência de um pico pluviométrico, com atuação do ser humano, proporciona perdas de vários centímetros desse solo formado (LEPSCH, 2010).

No debate conduzido em sala de aula pode-se associar a essa temática o problema das vias de acesso irregulares as serras pelos terrenos ao entorno e dentro do próprio parque. Outro contexto passível de discussão é a própria (falta), engajamento, identificação da comunidade, com a proteção da unidade de conservação Parque Nacional Serra de Itabaiana - PNSI, assim como mal uso onde se encontra espalhados resíduos sólidos, lixo.

A serra Comprida já foi alvo de descarte de lixo, como lixão a céu aberto do município de Areia Branca, ocasionando após retirada grande fragilidade do solo, área desnudada, com o sistema de erosão agressiva instalada.

Nessa seara, os materiais sedimentares estão dispostos em diferentes contextos de acordo com o local de origem e a forma de transporte a qual foram submetidos. Ocorrem quando o material sedimentar é depositado no sopé da encosta, se constituindo como depósito de Talus, no transporte nas encostas se constituindo como rampas de colúvio. Em caso de o material ainda não ter sofrido transporte e se encontrar na área de origem o elúvio sofrendo morfodinâmica intensa. Já quando o material é transportado pela drenagem de um curso d'água e depositado nas margens fluviais, o nome de alúvio está colmatando as drenagens dessa área.

Tanto na média, quanto na baixa e alta encosta, é notório a presença de conglomerados (Figura 8) na Serra Comprida. Esses blocos de sedimentos são conformados por rochas de diferentes granulometrias. Quando estas são de aspectos arredondados, isso denota que o trabalho de transporte foi de longo alcance. Ao se observar ângulos pontiagudos nas rochas, constata-se que o material foi pouco transportado e sua área de origem é próxima.

Esses conglomerados por vezes são transportados do topo da encosta ao sopé. Por se tratar de material pesado, a ação da gravidade conjugada com a área de encosta sem vegetação e com a presença das argilas atuando como facilitador dessa movimentação, potencializado pela ação da chuva, ocasiona na queda do bloco rochoso e denota uma forma de transporte influenciado pela ação antrópica.

Figura 8 – Conglomerado.



Fonte: Os autores (2023).

Diante disso, pode-se observar também a interferência antrópica na dinâmica da Paisagem da Serra de Itabaiana, haja vista que a BR-235 (Figura 9) passa em meio à área de proteção ambiental. Isso configura passivo ambiental, pois essa obra foi construída antes da efetivação do Parque Nacional da Itabaiana como unidade de conservação.

Figura 9 – BR-235 e ocupação



Fonte: Os autores (2023).

Com essa construção indevida, as espécies da fauna e da flora foram impactadas. O bioma que engloba a área da Serra de Itabaiana é predominantemente de Mata Atlântica, cujos resquícios atuais são escassos e por isso a necessidade de proteção, que fica a cargo do ICMBIO (Instituto Chico Mendes de Biodiversidade). Santos et al (2018, p.72) corroboram com essas afirmativas ao relatar que:

[...] na Serra de Itabaiana, encontramos uma maior cobertura vegetal de porte arbóreo, inclusive resquícios de Mata Atlântica, esta área conta também com uma maior precipitação média anual (1400mm), além da proteção às ações antrópicas fornecida pela presença do Parque Nacional Serra de Itabaiana. (SANTOS et al, 2018, p. 72).

Além disso, pode-se observar a expansão imobiliária nas áreas adjacentes ao Parque Nacional da Serra de Itabaiana. Isso se dá devido a Paisagem dessa área e por ser uma localidade que representa calmaria, com pouca poluição sonora, em decorrência do distanciamento em relação à cidade ser atualmente cobiçada pelo setor imobiliário. Assim como BR-235, também apresenta vizinhança em torno das serras com moradias situadas dentro desde antes da unidade de conservação do Parque, na zona de amortecimento, se constituindo como uma zona de conflito de interesses de moradia, das dinâmicas populacionais.

Enquanto o interesse do Parque Nacional de Unidade de Conservação é a preservação, que preconiza a inviolabilidade, resguardar o todo. As casas construídas nesses locais geram consequências nefastas para a dinâmica natural do parque, pois muitas espécies são perturbadas pela presença humana. Essa apropriação antrópica muitas vezes se dá por pessoas de alto poder aquisitivo, as quais não são punidas por tais atos. Entretanto, existe fiscalização mais ferrenha quando se trata de pessoas de baixo poder aquisitivo e que não possuem capacidade para causar impactos significativos àquele ambiente. Diante disso, o ICMBIO (Instituto Chico Mendes de Biodiversidade) em seu plano de manejo para Serra de Itabaiana alerta para o fato de que:

O PNSI está localizado próximo às sedes dos Municípios de Areia Branca e Itabaiana. Esses municípios estão em processo de desenvolvimento e crescimento em direção ao Parque (Figura 117). Isso facilita as invasões e ocupações irregulares no entorno da UC, bem como transforma a Unidade em uma ilha de conservação. O crescimento das Cidades e povoados nem sempre está associado ao acesso à infraestrutura básica, havendo deposição de lixo e esgoto a céu aberto, bem como uma maior demanda por abastecimento de água. Aumentam também os conflitos com a fauna silvestre e a retirada ilegal de madeira (ICMBIO, 2016, p.122).

Os índices pluviométricos variam de 1000 a 1400 mm durante o ano, na região da Serra de Itabaiana, concentrando-se majoritariamente no período de inverno. Devido à borda leste do Domo estar voltada para o oceano, a umidade proveniente deste, provoca chuvas orográficas na parte barlavento da Serra de Itabaiana, proporcionando a vegetação exuberante a qual é observada. Na parte Oeste da Serra de Itabaiana, por ocasião das chuvas do lado Leste, esta área recebe ventos menos úmidos, o que não favorece a ocorrência de mais e maiores chuvas, conferindo vegetações e climas característicos da zona semiárida.

Em direção ao noroeste do estado de Sergipe, devido ao distanciamento em relação ao Oceano Atlântico e estar a sotavento do Domo de Itabaiana, as temperaturas tendem a ser maiores, com amplitude térmica mais elevada e estação seca mais prolongada em relação ao Agreste Central e a região litorânea (MENDONÇA e OLIVEIRA, 2019). Diante disso, sabendo que o campo de estudo do geógrafo é o espaço, este se conforma a partir das dinâmicas naturais e antrópicas. Para que haja um ensino-aprendizado significativo, é necessário que o docente de geografia não dicotomize esta área do saber, pois, caso isso ocorra, perde-se a compreensão das dinâmicas geográficas.

No que se refere a aplicação dos conteúdos estudados no presente artigo para o ambiente escolar, segue aqui a sugestão de práticas didático-pedagógicas que visam à abordagem deste conteúdo em sala de aula.

A priori, trazer reflexão acerca das singularidades do estado de Sergipe no que refere à Paisagem e às condições edafoclimáticas, para que o aluno desconstrua a percepção de que os estados nordestinos só possuem seca e pobreza. Para que o discente tenha autonomia no processo ensino-aprendizagem, faz-se necessário que ele desenhe o que visualiza na Paisagem de seu cotidiano.

A seguir, explanar a necessidade de compreender os aspectos passados e deixá-los cientes de que a escala de tempo geológica não é da mesma proporção que a escala de tempo humana. Os acontecimentos geológicos-geomorfológicos são passivos de modificação, entretanto levam muito tempo para que isso aconteça. A próxima sugestão é que seja feito experimento com os alunos, em que esses observarão durante uma semana a diferença entre uma rocha que é martelada todos os dias por eles durante uma semana e outra da mesma natureza que é deixada sem sua alteração, ou seja, que seja modificada através do tempo, sem interferência antropogênica. O intuito desta atividade é demonstrar a diferença entre a escala de tempo das alterações antrópicas e o tempo da natureza.

Sendo assim, é preciso que os discentes compreendam o sistema Terra a partir da interação entre as diferentes partes para formar o todo. Para tanto, eles necessitam construir determinados conceitos como a ação dos agentes internos e externos do relevo. Através de imagens, esses agentes serão apresentados aos alunos, não dando respostas prontas, mas sim os fazendo refletir sobre quais são externos, quais são internos.

A partir daí, a explicação incorrerá nos agentes modeladores da Paisagem, o intemperismo, a erosão e a ação antrópica. Essa esculturação é feita a partir da interação de diferentes fatores tais como sistema climático, temperatura do local, tipo de solo, vegetação, escassez ou abundância hídrica, dentre outros, que reverberam em intemperismo e erosão e recebem o aporte da ação humana.

A partir disso, os alunos terão melhor subsídios para a compreensão que o Domo de Itabaiana, a Planície Costeira e o Pediplano Sertanejo são frutos dessas múltiplas interações entre destruição e esculturação da Paisagem no decorrer de muitos eventos. Logo após, serão indagados se eles participam na alteração das Paisagens e, se sim, como isso acontece. Caso as respostas sejam satisfatórias a atividade terá cumprido seu objetivo, qual seja, a não dissociação da relação sociedade-natureza. Com isso, depois de compreenderem que a ação antrópica influencia na transformação da paisagem, será explicado as transformações no Domo de Itabaiana como a construção indevida da BR-235, bem como a retirada de sedimentos dessa área para construções e as casas nos arredores da Serra de Itabaiana.

Na Planície Costeira, serão contempladas as transformações propiciadas pela sociedade na dinâmica paisagística dessa localidade, como construções indevidas que interferem na zona flúvio-marinha, bem como os enrocamentos que visam barrar a ação erosiva da abrasão marinha. Para compreender a participação antrópica da Paisagem no Alto Sertão Sergipano, deverão ser mostradas como as alterações na dinâmica natural do Rio São Francisco, como a diminuição de seu fluxo à jusante da barragem de Xingó alteram o quadro natural das regiões que dependem desse rio, além do processo de assoreamento que ali ocorre. Como o homem impacta na retirada da vegetação natural ali presente para dar espaço a pastagens e campos de agricultura, os processos de desertificação e empobrecimento dos solos são possibilitados.

Como alternativa, caso não exista a possibilidade de ir a campo, propõe-se que o docente adquira óculos de realidade virtual com o objetivo de visualizar as três compartimentações de Paisagens geológico-geomorfológicas de Sergipe. Com essas práticas se espera contribuir para aumentar as possibilidades de ensino e aprendizagem no ensino de Geografia, em que longe de esgotar o debate, ao contrário, procura-se fomentá-lo, pois a construção do conhecimento é processual e a ciência jamais será um campo fechado, sem que haja novas descobertas e embates de ideias.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, os aspectos naturais e humanos são indissociáveis, pois a sociedade atua no espaço modificando-o, moldando a dinamicidade da paisagem a seu bel prazer. Para compreender o espaço, torna-se necessário recorrer aos acontecimentos antecedentes aos que estão hoje inseridos em determinados locais. O agreste sergipano, por exemplo, é explicado a partir de acontecimentos pretéritos, tendo em vista que as feições da paisagem atual, dizem respeito a uma estrutura herdada de um antigo Domo Batólito.

Nota-se que as transformações presentes no Domo de Itabaiana têm ação tanto dos agentes naturais, bem como a ação antrópica. O tempo em que a natureza modifica a paisagem é diferente do tempo antrópico e, dentro dessas transformações realizadas pela sociedade, quase sempre há degradações dos sistemas. Constata-se que o respectivo Domo sofre com as intervenções desenfreadas do ser humano, desde a construção a BR-235 que corta o Parque Nacional da Serra de Itabaiana, ao processo de voçorocamento na Serra Cumprida, as alterações dos conglomerados do seu lugar de origem por causa da remoção da vegetação, além da perda de espécies nativas.

Fica explícito que para compreender as transformações no espaço, faz-se necessário o estudo teórico e prático, sendo esses dois pontos cruciais para o(a) aluno(a) enxergar o que está posto na paisagem, desde a sua gênese e como e por quem foi transformada. Tanto em sala de aula como em trabalho de campo o(a) docente nunca deve dar respostas prontas, ele/ela deve instigar os alunos, sem querer que decorem nomes de rochas, rios, espécies e formas de relevo.

Assim, o Agreste Central Sergipano, o Semiárido e a Planície Costeira do estado de Sergipe possuem características distintas entre si, todas possíveis e necessárias de serem estudadas em campo, para (re)conhecimento e articulação teórico-prática. Como o Agreste está no meio do estado, é uma área de transição entre o semiárido e a Planície Costeira, apresentando clima subúmido, sendo o Domo de Itabaiana formado pelos Maciços Cristalinos Residuais e sendo essas as principais características dessa área. No Semiárido do Alto Sertão de Sergipe, destaca-se o Pediplano Sertanejo com solos rasos (ricos em minerais) e pedregosos, o Rio São Francisco, que é o único rio perene da região que abastece a população ribeirinha, e a vegetação típica de caatinga com adaptações ao clima predominante. Por fim, a Planície Costeira é caracterizada pela Formação Barreiras, presente indicies pluviométricos elevados, solos profundos e férteis, além da presença do Oceano Atlântico.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a instituição de ensino Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor Alberto Carvalho, onde este trabalho foi desenvolvido e é essencial para nossa formação profissional. Ao Programa de Pós-graduação em Ciências Naturais- PPGCN, e agradecemos também a CAPES e ao Programa Residência Pedagógica, que proporcionaram nosso acesso a vivência da realidade no chão da Escola de Educação Básica e através da bolsa a manutenção na instituição de ensino superior e realização dos trabalhos de campo.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, Claude & BERTRAND, Georges. O sistema GTP (Geossistema, Território, Paisagem) O retorno do Geográfico? (cap. IV). In: Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Organizador: Messias Modesto dos Passos. Maringá: Ed. Massoni, 2009. 360p.

BERTRAND, G. Paisagem E Geografia Física Global. Esboço Metodológico. R. RA'EGA. Editora UFPR: Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004.

CARVALHO, L. M. de. Geodiversidade do estado de Sergipe. Programa Geologia do Brasil. Levantamento da Geodiversidade. ISBN 978-85-7499-137-5. CPRM: Salvador, 2017. 153 p.

CAVALCANTI, L. C. S. Cartografia de paisagens: fundamentos. São Paulo. Oficina de Textos, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia saberes necessários à prática educativa. 69.ed, Rio de Janeiro, PAZ & TERRA, 2021.

ICMBIO. Plano de Manejo: Parque Nacional Serra de Itabaiana. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/plano-de-manejo/dcom_plano_de_manejo_Parna_Serra_de_Itabaiana.pdf. Acesso em: 20 mai. 2022.

MENDONÇA, Francisco; OLIVEIRA, Inês Moresco Danni. Climatologia noções básicas e climas do Brasil. 4ª ed. São Paulo, Oficina de textos, 2019.

SANTOS, R. S. LIRA, D. R. de; PINTO, J. E. S. de S. Seções - tipo e representação das paisagens no alto sertão sergipano, nordeste brasileiro. In: Archimedes Perez Filho; Raul Reis Amorim. (Org.). Os Desafios da Geografia Física na Fronteira do Conhecimento. 1ed. Campinas: INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - UNICAMP, 2017, v. 1, p. 5802-5810.

SANTOS, R. S.; LIRA, D. R.; SANTOS, C. A. SEÇÕES-TIPO E REPRESENTAÇÃO INTEGRADA DAS PAISAGENS NO ESTADO DE SERGIPE. Revista Contexto Geográfico, v. 3, p. 67-74, 2018.

SANTOS, R. S.; MACHADO, C. S.; SANTOS, C. A.; LIRA, D. R. Mapeamento geomorfológico da folha SC-24-Z-B-IV - Aracaju, através de aplicações geotecnológicas. Revista Equador, v. 04, p. 309-315, 2015.

TAVARES, K. C. O.; SANTOS, R. S.; LIRA, D. R.; SANTOS, C. A. Mapeamento geomorfológico preliminar da área do agreste sergipano a partir de aplicações geotecnológicas. In: XI SINAGEO - Simpósio Nacional de Geomorfologia, 2016, Maringá / PR. ANAIS DO 11 SINAGEO, 2016.

TEIXEIRA, W. et al. Decifrando A Terra. 2 ed. São Paulo, Brasil. Editora Nacional, 2009.